



## A MULHER NA HISTÓRIA E NA LITERATURA: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE NÍSIA FLORESTA<sup>1</sup>

Jéssica Luana Fernandes  
Mestra em Educação - UFPB  
Escola Municipal Deusdete Cecílio de Araújo  
fernandes.luana095@gmail.com

### Resumo

Este trabalho versa sobre a relação da mulher com a literatura, bem como sobre o seu espaço no cânone literário. Para tanto, buscamos investigar se há espaço para tais obras literárias no cânone, bem como refletir acerca da história da mulher no Brasil e sua visibilidade no campo da historiografia. Destarte, buscamos dar visibilidade à trajetória da poetisa e educadora norte rio-grandense, Nísia Floresta. Compreendemos que a mulher esteve por muito tempo invisível nas mais diversas esferas da sociedade, permanecendo nos lugares privados, embora tenha uma vasta produção, como é o exemplo deste trabalho, Nísia Floresta, que em pleno século XIX denunciava a condição feminina da mulher brasileira na sociedade.

**Palavras-chave:** Nísia Floresta. História. Literatura.

### INTRODUÇÃO

Pensar na história das mulheres ao longo dos anos, é lembrar, de imediato, do grande período em que as mulheres estiveram imperceptíveis no campo da historiografia. Diante disso, segundo Michelle Perrot, historiadora francesa, a mulher foi excluída da história, salvo as vezes, nas quais, ela apareceu sempre permeada pelo universo doméstico, como esposa e mãe.

Seguindo nessa discussão, este estudo versa sobre a condição feminina e a relação das mulheres com a literatura, a mulher enquanto escritora, especificamente a autora Norte rio-grandense Nísia Floresta (século XIX). Desta forma, além de estar inserido na temática da História das Mulheres no Brasil, ele se insere, também, na abordagem dos estudos culturais, pois estamos falando de “literatura de minorias” ou “literatura marginalizada”. Costumamos dizer que a partir dos estudos culturais “dá-se voz aos marginalizados”, e os que estão à margem do cânone literário, são obras ou autores, isto é, grupos que não fazem parte do “grupo elitista” produtor de cultura. Dentre esses grupos, podemos citar as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais.

---

<sup>1</sup> Este artigo é recorte do trabalho de conclusão da especialização em Literatura e Ensino – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/IFRN, que tem como título “A mulher e a literatura: a contribuição feminina defendida por Nísia Floresta em Opúsculo Humanitário”.



De um modo mais específico, este trabalho foi realizado, buscando compreender a história da mulher na literatura, e como se dá a relação da mulher com a literatura e com o cânone literário. Nessa perspectiva, apresentamos a autora Norte-rio-grandense, Nísia Floresta. Justificamos, a escolha da autora, Nísia Floresta, por se tratar de uma escritora, educadora e poetisa, que em pleno século XIX, deixou em suas obras, dentre elas, Opúsculo Humanitário, os registros de suas lutas em favor da educação feminina.

## A MULHER E A LITERATURA: ESCRITORAS AO LONGO DO TEMPO

As mulheres, segundo os historiadores, possuem vasta produção desde o século XIX, porém não podemos dizer que são reconhecidas em patamar de igualdade com os homens no cânone literário. Assim, o enfoque nesta participação feminina em diversas áreas, e sobretudo na literatura é recente. Segundo Mello (2012, p.10) “[...] não é de estranhar que a voz feminina na literatura seja um dado recente, que se inicia basicamente na primeira metade do século XX, e se intensifica nos últimos sessenta anos”. Tal debate, acerca da condição feminina nas mais variadas áreas de nossa sociedade, só foi possível por meio do movimento feminista.

De acordo com Duarte:

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/pretende principalmente, destruir os mitos da inferioridade "natural", resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então, tinham escrito a respeito (DUARTE, 1987, p. 15).

Assim, a modernidade junto aos estudos culturais possibilitou este debate, sobre a contestação do cânone clássico e sobre a reivindicação das “minorias”. Para Paulino (2004), os Estudos Culturais tratam-se de possibilidade das Ciências Humanas, diante deste modelo hegemônico de cânone que está posto, contrapor-se às elites intelectuais e/ou econômicas, sem classificar as produções em boas ou más, mas, sim, buscando valorizar estes grupos marginalizados.

Nesse sentido, lembramos da Nova História Cultural, com o surgimento de novas abordagens e novos sujeitos, onde os debates focalizaram-se nos sujeitos que até então permaneciam marginalizados, fazer história, dos que estão em “baixo” (BURKE,).



Especificamente, no campo literário, no cânone, questionamos a literatura de autoria destes “marginalizados” (mulheres, negros, homossexuais, índios, entre outros), ou a falta desta literatura no cânone, pois não se pode dizer até onde precisamente os escritos literários dos sujeitos marginalizados, estão presentes na lista dos clássicos. Podemos dizer, que há muitos avanços, pois, este discurso cada vez mais se faz presente nas esferas da sociedade, embora não tenhamos certeza, se os “excluídos” ganharam espaço no cânone. No tocante, ao caso da mulher, Duarte diz:

Mas ainda há muito o que fazer. Várias são as dúvidas que poderíamos levantar com relação ao tema Mulher na Literatura ou Mulher e Crítica Literária, e poucas encontrariam respostas nos trabalhos existentes. Por exemplo: quais foram nossas primeiras escritoras? Que livros escreveram e sobre o quê? Não sofreram nenhuma espécie de dificuldade devido a sua condição feminina? E a representação da mulher enquanto personagem, sobre que estereótipos foi montada? Por que? (DUARTE, 1987, p.16).

Diante disso, já podemos dizer também que no caso específico dos estudos das mulheres, apesar de ser um campo relativamente recente, muito já se sabe sobre a existência de grandes trabalhos desenvolvidos sobre a história das mulheres. Dentre tantos, podemos citar as obras da historiadora francesa Michelle Perrot, como “*Minha História das Mulheres*”<sup>2</sup>, uma outra obra bastante interessante é “*História das Mulheres no Brasil*”<sup>3</sup> organizada por Mary Del Priore. Falamos de obras, bastante importantes para pensarmos a condição feminina ao longo da história, nas mais variadas esferas da sociedade. Se voltarmos o nosso olhar para o âmbito acadêmico, veremos que os estudos de gênero já estão difundidos neste espaço, são temas como a feminização do magistério, protagonismo feminino político, entre outros. Em relação à mulher e a literatura no Brasil, há estudos que remontam a vida de importantes figuras femininas do século XIX, escritoras e intelectuais, que já tinham uma larga produção literária. No entanto, acreditamos que há muito o que pensar sobre a relação da mulher e o cânone literário nos tempos atuais.

---

<sup>2</sup> Em “*Minha História das Mulheres*”, Michelle Perrot narra as lutas e conquistas das mulheres em espaços públicos e privados. São elas, mães, artistas, professoras, prostitutas e entre outras.

<sup>3</sup> Em “*História da Mulher no Brasil*” temos a narrativa da trajetória das mulheres desde o Brasil colônia, a figura feminina em diferentes espaços e posições sociais, a história das mulheres que perpassa a história das famílias, trabalho, literatura e entre outros.



Nísia Floresta é um pseudônimo para Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari, Rio Grande do Norte, em 1810. Nísia chegou a residir em Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e também na Europa. No Velho Mundo viajou por diversos países, como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Grécia e Itália, porém fixou-se na França até a sua morte em 1885, em Rouen, (DUARTE, 2010). No ano de 1954, o governo do Rio Grande do Norte conseguiu trazer para o país e sua cidade natal, que atualmente leva o seu nome, os seus restos mortais.

O pseudônimo Nísia Floresta Augusta Brasileira revela um pouco de sua personalidade. Nísia refere-se ao diminutivo de seu nome, Floresta é uma referência a comunidade rural onde nasceu, Augusta trata-se de uma homenagem ao seu companheiro Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem chegou a ter três filhos, e por fim Brasileira, mais uma afirmação às suas posturas nacionalistas.

Nísia, militou em favor da educação feminina, chegou a ser dona e diretora de um colégio para meninas no Rio de Janeiro. Seu colégio diferenciava-se dos demais, pois sua grade curricular era semelhante à dos colégios dos meninos, ou seja, em detrimento das tarefas domésticas, Nísia optou por disciplinas que desenvolvesse o intelecto feminino, o que despertou muitas críticas.

Desta forma, houveram muitas críticas ao trabalho desenvolvido no colégio, pois se considerava desnecessário o ensino de algo que não fosse relacionado ao universo doméstico. “A valorização da “educação da agulha” em detrimento da instrução era um fato tão aceito como sendo o mais correto, que não faltou quem criticasse o colégio de Nísia Floresta por incluir disciplinas consideradas supérfluas para a formação das meninas”, (DUARTE, 2010, p. 17). Portanto, o modelo de educação vigente no Colégio Augusto, pode ser considerado inovador, pois tratava-se de uma prática pedagógica equivalente aos colégios masculinos pertencentes à corte.

Esta escola, segundo depoimento de todos os que sobre ela escreveram, trouxe avanços consideráveis para a educação de seu tempo. E, entre as inovações aí reconhecidas, costumam ser lembradas o ensino do latim, do francês, do italiano e do inglês, bem como respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da geografia e da história do país; a prática da educação física; e a limitação do número de alunas por turma como forma de garantir a qualidade do ensino. (DUARTE, 2010, p. 17).



Para que se compreenda melhor o pioneirismo de Nísia enquanto educadora, se faz necessário que conheçamos o contexto histórico do Brasil colônia, em que haviam pouquíssimas escolas, e as que ali existiam eram insuficientes para a demanda da população. Vale salientar que o Colégio Augusto funcionou por dezessete anos, mesmo sem estar sob a direção de Nísia que partiu para a Europa e não mais voltou a residir no país, e esteve somente por breves passagens, (DUARTE, 2010).

Para além de educadora, ela foi escritora, e deixou registrado em suas obras a sua militância pela emancipação e educação feminina. Segundo Duarte (2010, p. 12), “Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa”. Na imprensa pernambucana, precisamente no Jornal de Pernambuco, Nísia escreveu na coluna “Espelho das Brasileiras”, onde publicou artigos acerca da condição feminina.

É em Opúsculo Humanitário<sup>4</sup>, de 1853, que encontramos a tese de Nísia, onde ela fala da educação das mulheres, como também da educação de uma forma geral. Nessa obra, ela explana o desejo de transformação do sistema educacional. Tecendo comentários acerca da condição feminina em várias partes do mundo, Nísia logo passa a falar da situação da mulher no Brasil, revelando insatisfação com sua condição. Composto por uma série de artigos publicados anteriormente em jornais, Opúsculo Humanitário traz o ideário de educação feminina defendido por Nísia Floresta.

O livro, é uma importante publicação para a literatura feminista, por falar da educação feminina, quase inexistente no século XIX, por revelar o pensamento de uma sociedade patriarcal, e denunciar a condição da mulher naquele contexto. Mostra que mesmo com pouco reconhecimento, já existia uma literatura de autoria feminina nos séculos passados. Nísia Floresta foi uma escritora bem-sucedida, mesmo em uma sociedade machista ela conseguiu publicar suas obras.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Inserida na categoria dos sujeitos marginalizados, aqueles que estão fora da lista dos clássicos, percebemos que a trajetória das mulheres em detrimento dos homens, foi bastante difícil, e no espaço literário não é diferente. As mulheres tiveram uma trajetória

---

<sup>4</sup> O livro reúne uma série de artigos que já haviam sido publicados anteriormente em jornais. O título do livro faz uma referência aos Opúsculos de Auguste Comte, filósofo francês que também influenciou o pensamento de Nísia Floresta.





repleta de lutas e conquistas, para que pudessem alcançar direitos elementares, como o direito à educação. Muitos avanços ocorreram neste quesito, porém não podemos dizer que a luta pela igualdade de gênero é algo acabado, ainda falta muito.

Sabemos que a mulher esteve na categoria de escritora desde o século XIX, e muitos estudos estão sendo desenvolvidos no campo de gênero, muitos historiadores já remontaram as trajetórias de importantes figuras femininas do passado, intelectuais e escritoras. Se insere neste grupo, a escritora Nísia Floresta, que viveu no século XIX, apresentada aqui, neste trabalho por meio de sua obra literária, *Opúsculo Humanitário*, e entre outras. Da mesma forma, se destacou como escritora em uma época em que poucas mulheres eram letradas, considerada por muitos, pioneira do feminismo no país, uma mulher à frente de seu tempo.

## REFERENCIAS

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

\_\_\_\_\_. **Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo**. Brasília: Mercado Cultural, 2006.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=26728](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=26728). Acesso em 04 de Jun. de 2015 às 10:25.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Pós-modernidade, pós-modernismo e a literatura de autoria feminina: vozes de resistência na literatura brasileira**. *Uniandrade Scripta*, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2012, p. 9-24. Disponível em [http://www.uniandrade.br/mestrado/pdf/Scripta%2010\\_1\\_final\\_12.pdf](http://www.uniandrade.br/mestrado/pdf/Scripta%2010_1_final_12.pdf). Acesso em 20 de Jun. de 2015 às 14:30.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.